Por uma abordagem enunciativa da leitura no Ensino Fundamental: o livro didático

Joseline Tatiana Both
Doutoranda do Curso de Lingüística Aplicada – PUCRS
<jositboth@gmail.com>

Introdução

Este trabalho, que desenvolve a temática da leitura numa perspectiva enunciativa, tem como objetivo investigar uma proposta de atividades com textos, retirada de livro didático de Ensino Fundamental. Além disso, propõe uma análise de texto sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombre e Marion Carel.

Utilizamos, nesta pesquisa, princípios fundamentais da teoria, enfocando especialmente o conceito de polifonia vinculado à Teoria dos Blocos Semânticos, para compreender como é construída a argumentação no discurso por meio da linguagem. Justifica nossa opção, o fato de a teoria possibilitar a compreensão da construção do sentido na linguagem em uso e, assim, servir como fonte de reflexão para as práticas de leitura e o ensino.

1 O ensino de língua

Um profundo vínculo com as questões do ensino e da aprendizagem da língua e, por conseqüência, uma preocupação constante – e crescente – com a construção de uma prática pedagógica mais qualificada, capaz de possibilitar ao aluno verdadeira reflexão sobre a língua, motivaram-nos a buscar subsídios teóricos, no âmbito da Lingüística, capazes de contemplar a linguagem em uso e a construção de sentidos por meio da linguagem.

Percebendo a língua como um mecanismo vivo, transformado em função de sua utilização, a linguagem como uma forma de interação e o ensino de língua como um momento de reflexão sobre a língua, sua natureza e seu funcionamento, entendemos que o texto deve ser o principal material de ensino/aprendizagem. É por meio dele que se torna possível a análise da língua em uso e o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos.

O que vemos, por outro lado, são práticas que se cristalizaram ao longo do tempo e que enfatizam ou o sistema da língua, baseado em frases soltas e atividades isoladas, ou aspectos temáticos dos textos, exclusivamente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), organizados com o intuito de guiar o trabalho escolar em todo país, dão suporte ao nosso entendimento, tendo em vista que defendem a expansão das possibilidades de uso da linguagem, partindo do texto como unidade de ensino e do desenvolvimento das quatro habilidades: ler, escrever, falar e ouvir. E é em relação a uma dessas habilidades, a leitura, que realizamos nossa pesquisa, buscando ampliar os trabalhos já existentes e propor uma reflexão a partir de um outro ângulo.

2 Considerações sobre leitura

A leitura constitui-se como elemento importante para o desenvolvimento da linguagem e da competência discursiva. Nesse contexto, é entendida não como um decifrar de códigos, apenas, mas como um processo que envolve a interação entre os sujeitos e propicia a construção do sentido pelo leitor, isto é, a compreensão.

À escola cabe o importante papel de auxiliar os alunos a tornarem-se leitores competentes e, para isso, deve pautar sua prática em uma concepção de leitura decorrente da concepção de sujeito, língua, texto e sentido que se adota, conforme Koch (2006).

Conforme a autora se há uma concepção de língua como expressão do pensamento, o texto é encarado como produto do pensamento do autor, cabendo ao leitor apenas captar "essa representação mental" (2006, p.10). Se a língua é vista como instrumento de comunicação, o texto é visto como produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor. Para ambas o papel do leitor é passivo, já que a leitura é percebida como um processo linear. Diferente dessas concepções, há a concepção interacional da língua, pela qual se entende que leitor e autor são sujeitos ativos e que o sentido é construído na interação. A leitura é, nesse enfoque, uma atividade de produção de sentidos.

Por outro lado, vale salientar que essa produção de sentido deve partir dos aspectos lingüísticos e são estes que estabelecem um "limite" entre a leitura possível e a construção de um novo discurso. Consideramos que é

justamente nesse espaço que a Teoria da Argumentação na Língua pode vir a dar sua contribuição ao ensino, pois possibilita reflexão sobre a linguagem em uso, tendo como foco a construção do sentido pelo texto, diferenciando-se assim de outras abordagens.

3 A teoria da Argumentação na Língua

Analisar a leitura sob um enfoque enunciativo implica abordar a linguagem em seu aspecto discursivo, percebida como interação entre sujeitos situados num tempo e num espaço determinados, realizando uma prática social e cultural. O sentido, nessa perspectiva, é (re)construído durante a leitura, na interação verbal: autor e leitor interagem entre si por meio do texto.

Compreender o funcionamento da linguagem e seu uso passa por reconhecer que a linguagem surge de um ato de enunciação, um processo em que alguém produz linguagem para alguém num determinado contexto, com determinados objetivos. É por isso que a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de raízes estruturalista e enunciativa, assume importância significativa neste trabalho.

Proposta por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre em 1983, a teoria vem se desenvolvendo até hoje, tendo passado por diferentes momentos desde o início de sua elaboração (Forma Standard, Forma Recente, Teoria dos Blocos Semânticos). Momentos que sinalizam constante reflexão, reformulação e aprofundamento de vários conceitos com o intuito de buscar cada vez mais os aspectos lingüísticos para o estudo da linguagem.

A teoria, como o próprio nome sugere, parte do pressuposto de que a argumentação está na língua, e de que a função primeira da linguagem é a de argumentar,[1] eliminando assim, a possibilidade de encará-la como representação objetiva da realidade.

Diferencia-se, portanto, da concepção tradicional de argumentação, a qual considera que a argumentação depende dos fatos, ou seja, é algo exterior à linguagem. Para Ducrot, as palavras só passam a ter sentido completo em relação com outras palavras e com outros discursos (pela polifonia), portanto, no discurso.

Essa noção de relação, oriunda do Estruturalismo, assume importância fundamental na teoria que, além de propor um estudo que relaciona língua e fala, também percebe a relação entre palavras, entre frases e entre discursos como formas de construção do sentido. Além disso, também da teoria saussuriana, provém o recorte do objeto de estudo da TAL, que se ocupa dos aspectos lingüísticos em sua análise.

Conforme Barbisan (2004), a ampliação da teoria estruturalista, proposta pela TAL, realiza-se por meio de dois fatores principais: a introdução da figura do locutor (assim como outras teorias enunciativas), que (re) constrói o mundo pela linguagem, e pelo conceito no qual se fundamenta a própria teoria, de que a função primeira da linguagem é a de argumentar, como já mencionamos.

Outra base da teoria como já mencionamos, é a enunciativa. Como apontam Flores e Teixeira (2005), discípulo de Benveniste, Ducrot foi diretamente por ele influenciado, "em especial no que tange à filosofia analítica, à vinculação do estudo da linguagem ao quadro saussuriano e à enunciação" (FLORES, 2005, p. 63). De acordo com os autores, a TAL é considerada uma teoria da enunciação por estar voltada, assim como outras teorias enunciativas importantes, para as relações entre linguagem em uso e sujeito.[2]

Ducrot define enunciação como a realização lingüística, o fato que constitui o aparecimento de um enunciado, num determinado momento, num determinado espaço. Essa definição não é comprometida com o produtor do discurso em si, nem com seu interlocutor diretamente; a teoria se ocupa do produto da enunciação e não dos sujeitos nela envolvidos.

Dentro dessa perspectiva de enunciação, o enunciado é uma das múltiplas realizações possíveis da frase, é realidade empírica, enquanto a frase é entidade teórica, uma construção do lingüista que serve para explicar a infinidade de enunciados.

O conceito de enunciado, entre outros, é retomado e complementado pela Teoria dos Blocos Semânticos, momento atual das investigações de Oswald Ducrot e Marion Carel que veremos a seguir.

3.1 *Teoria dos Blocos Semânticos*

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida por Marion Carel, a partir da sua tese em 1992, e por Oswald Ducrot, constitui o terceiro momento da Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Além de questionar a visão lógica da linguagem, mostra também uma reflexão sobre a visão anterior da teoria que, havendo abandonado o recurso ao mundo exterior, ainda mantinha a interpretação de argumento e conclusão de forma separada.

Além disso, a autora afirma que nada precede a argumentação; como ela não se funda sobre nenhuma descrição preliminar, está enraizada no próprio léxico e é independente de qualquer outra função da língua. A argumentação consiste em "reunir blocos lexicais e em pretender ser coerente com eles..." (CAREL, 1997, p. 33, tradução nossa).

[1] Argumentar pode ser entendido de forma ampla como o desenvolvimento de um ponto de vista a partir da relação entre dois segmentos: argumento e conclusão.

[2] Conforme destacam Flores e Teixeira (2005), o sujeito é analisado a partir de suas marcas no discurso e não como ser no mundo.

O artigo *L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier*, de Marion Carel (1997), é um dos textos que, marcando o início das discussões acerca da TAL já no contexto da TBS, traz reflexões sobre a função descritiva da língua, defendida por algumas teorias lingüísticas. A autora defende que a argumentação não consiste em relacionar dois segmentos que possuem conteúdo isoladamente e se contrapõe à percepção da língua com uma função descritiva, em que uma premissa admitida como verdadeira serve de argumento para uma conclusão. Argumentar não é justificar o conteúdo de uma conclusão, conforme Carel.

Como a argumentação está na língua, o discurso é o único doador de sentido e deve ser organizado a partir de *encadeamentos argumentativos*, os quais não são semanticamente independentes. O conceito de enunciado, visto anteriormente por Ducrot como a realização da frase, agora é complementado pela idéia de encadeamento argumentativo.

Esses encadeamentos são formados por uma seqüência de proposições unidas por um conector (X conector Y) e organizam o discurso de acordo com duas estruturas básicas: a normativa, que utiliza o conector *donc* (DC), correspondente a portanto e outras conjunções, e a transgressiva, que utiliza o conector *pourtant* (PT), equivalente a no entanto. Essas estruturas, de dois segmentos unidos por um conector, formam um *bloco semântico*, uma vez que nenhum dos segmentos tem sentido isoladamente, mas apenas em relação com o outro.

Um bloco semântico é composto por quatro aspectos relacionados, que formam um quadrado argumentativo:

a) Trabalhou, portanto teve êxito. (A DC C)
b) Trabalhou, no entanto não teve êxito. (A PT B)
c) Não trabalhou, no entanto teve êxito. (neg-A PT B)
d) Não trabalhou, portanto não teve êxito. (neg-A DC neg-B)

Entre os aspectos *a* e *b* e também *c* e *d* há uma relação de conversão, na qual o primeiro termo se conserva em ambos, havendo mudança de conector e a negação do segundo termo. Já os aspectos *a* e *d* e *b* e *c* são considerados recíprocos. Nessa relação, os termos que estão de um lado e de outro do conector são negados, enquanto este é mantido. A ligação entre *a* e *c* e *b* e *d* é chamada de transposição. Por meio dela, nega-se o primeiro termo, muda-se o conector e mantém-se o segundo termo.

As argumentações normativas ou transgressivas evocadas por uma entidade lingüística podem ser de dois tipos: argumentações internas (AI) e argumentações externas (AE). A argumentação interna de uma entidade lexical é feita por encadeamentos que a parafraseiam. Já a argumentação externa de uma entidade lingüística corresponde aos encadeamentos em que ela própria aparece, podendo ser sua origem ou seu final.

Utilizando como foco de análise a palavra prudente, poderíamos construir a sua argumentação interna (AI) e também sua argumentação externa (AE).

AI (prudente) – *perigo DC precaução*
AE (prudente) – *prudente DC neg-acidentes* (AE à direita)
AE (prudente) – *medo DC prudente* (AE à esquerda)

Como podemos perceber, a TAL, nessa fase, permite além do estudo do enunciado um estudo do léxico, agrupando as palavras de acordo com duas categorias: a das palavras plenas, composta por nomes (substantivos e adjetivos) e verbos – que possuem um conteúdo semântico – e a das palavras gramaticais ou instrumentais, composta por conectores, articuladores e operadores.

O grupo dos operadores divide-se em duas subclasses: a dos modificadores e a dos internalizadores. A primeira, utilizada neste trabalho, corresponde a uma palavra que atua sobre a força argumentativa do nome ou do verbo, alterando sua gradualidade e não o seu sentido. Em outros termos, trata-se de uma palavra Y que, associada a uma palavra X, forma um sintagma XY, cujo sentido é construído de aspectos que contêm apenas as palavras plenas que já constituem a AI de X.

Os modificadores podem ser realizantes (MR) ou desrealizantes (MD). Os primeiros aumentam a força argumentativa da palavra a que são aplicados. Os segundos, por sua vez, diminuem essa força. Como exemplo, citamos as expressões *fácil* e *difícil* quando associadas a problema: como a palavra problema já contém, em sua argumentação interna, a idéia de dificuldade, fácil funcionaria como modificador desrealizante, e difícil, como modificador realizante.

A seguir, de forma sucinta, buscamos explicitar um pouco melhor o conceito de polifonia, fundamental para a construção do sentido no discurso.

3.2 *Polifonia*

Com o conceito de polifonia, utilizado primeiramente por Bakhtin para diferenciar formas de literatura, Ducrot contesta a idéia de unicidade do sujeito falante, afirmando que o autor de um enunciado coloca em cena diversas vozes. A idéia de sujeito falante remete a funções muito diferentes: a de sujeito empírico (SE), a de locutor (L) e a de enunciador (E).

O primeiro é entendido como o produtor efetivo do enunciado, enquanto o locutor é o responsável pelo enunciado, que possui marcas, como as de primeira

pessoa, aqui, agora. Já o enunciador é o que dá origem aos pontos de vista apresentados no enunciado.

A apresentação dos pontos de vista de diferentes enunciadores é um dos elementos do sentido de um enunciado. Outro é a indicação da posição do locutor em relação aos enunciadores. Este tem atitudes diversas perante as idéias apresentadas pelos enunciadores: pode concordar com elas, manifestando sua aprovação a um enunciador, mesmo que não tenha como objetivo assumir seu ponto de vista; pode identificar-se com um dos enunciadores para impor o ponto de vista (asserção) ou ainda opor-se a um ponto de vista (negação e humor).

O conceito de polifonia, desenvolvido na segunda forma da teoria, atualmente é retomado e vinculado à Teoria dos Blocos Semânticos. Conforme já discutimos, todo bloco possui aspectos normativos, com DC, e transgressivos, em PT. Barbisan (2006) afirma que, sob a perspectiva da polifonia, que é constitutiva de todo discurso, ao produzir linguagem o locutor (L) coloca em cena enunciadores que expressam pontos de vista, em termos de aspecto. O locutor se relaciona com um aspecto e o(s) enunciadores (E) pode(m) assumir o outro aspecto do mesmo bloco, ou um aspecto de outro bloco que ele(s) apresenta(m).

Por meio do enunciado negativo *Nenhuma falta será tolerada,* por exemplo*,* o locutor "evoca" dois enunciadores, responsáveis pelos seguintes pontos de vista:

E1 – *falta DC neg-tolerada*

E2 – *falta PT tolerada*

Ele assume a perspectiva do E1, que expressa o aspecto normativo do bloco semântico, e recusa a do E2, que expressa o aspecto transgressivo do mesmo bloco. A polifonia, nesse caso, é construída pela idéia de negatividade expressa no termo *nenhuma*, escolhido pelo locutor.

Em outras palavras, destacamos que a polifonia possibilita a compreensão do sentido dos enunciados (e do discurso), revelando os implícitos e a relação do locutor com outros discursos que ele evoca ao enunciar-se. A argumentação, construída pela linguagem, é permeada pela relação do locutor com seu interlocutor e também pela relação do seu discurso com outros discursos, revelada pela polifonia.

Assim, destacamos que o conceito de polifonia, vinculado à terceira fase da TAL e, especialmente, à noção de aspecto constitui-se como uma das principais bases para as análises realizadas nesta pesquisa.

4 Metodologia

Nesta pesquisa, de caráter qualitativo, analisamos um texto retirado de livro didático do Ensino Fundamental, produzidos posteriormente à publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e que afirmam construir suas propostas seguindo suas indicações.

Primeiramente, aplicamos os conceitos da Teoria da Argumentação na Língua, principalmente aqueles relacionados à Teoria dos Blocos Semânticos, ao texto utilizado pelo livro didático no trabalho com a leitura.

Para cada análise, consideramos os seguintes passos: 1) levantamento dos pontos de vista apresentados no enunciado; 2) construção dos aspectos relativos aos pontos de vista levantados; 3) verificação da posição assumida pelo locutor em relação aos pontos de vista apresentados – e, portanto, aos aspectos dos blocos; 4) construção da argumentação interna, quando necessário.

Posteriormente, discutimos as questões propostas pelo livro didático para o trabalho com o texto.

5 Análise

5.1 *Texto e questões propostas pelo livro didático*

OS QUE LUTAM

Bertold Brecht

"Há homens que lutam por um dia e são bons;
há outros que lutam por um ano e são melhores;
há aqueles que lutam por muitos anos e são muito bons;
porém há homens que lutam por toda a vida: esses são imprescindíveis."

1. Nesse texto, há a apresentação de vários grupos de pessoas. Qual desses grupos é mostrado como mais importante?

2. O verbo "lutar" normalmente é empregado para se referir a combates corporais, brigas.

a) No texto lido, é esse o sentido desse verbo? Explique.

b) No texto, o verbo "lutar" é intransitivo. Transforme-o em transitivo indireto, indicando contra quem ou contra o quê deve ser essa luta.

3. De acordo com o texto, os homens que lutam durante a vida toda são imprescindíveis para a humanidade. Na sua opinião, quem pode ser considerado imprescindível? Explique sua escolha. Não é necessário que seja uma pessoa famosa; pode ser alguém que tenha um papel importante apenas em uma comunidade.

4. Produza um parágrafo mostrando por que a humanidade precisa de pessoas que não desistem de seus ideais, que lutam incansavelmente por eles. Para comprovar sua idéia, use argumentos baseados nos textos lidos nesta unidade.

5.2 *Análise do discurso pela TAL*

Uma idéia construída nesse discurso pelo locutor e que perpassa todos seus enunciados é a de luta. Ele

parece definir os homens de acordo com a intensidade da "luta" de cada um. O locutor constrói, por meio de orações relativas, quatro tipos de homens: os que lutam por um dia, por um ano, por muitos anos e os que lutam sempre. Percebendo dessa forma, cremos que seja conveniente, antes de tudo, construirmos a argumentação interna (AI) de luta, para que possamos compreender os enunciados e o discurso como um todo.

AI (luta) – *trabalho por uma causa DC persistência*

As expressões *um dia*, *um ano* e *muitos anos*, tradicionalmente vinculadas à idéia de tempo, associadas à palavra luta assumem a função de reforçar a noção já contida na argumentação interna (AI) de luta, que é construída nesse discurso, não lhe acrescentando sentido. As expressões seriam, então, modificadoras de *luta*, não introduzindo, assim, nenhuma palavra plena à argumentação interna de *lutam*, mas atuando sobre sua força argumentativa. São aqui modificadores realizantes e estabelecem graus diferentes de modificação, atribuindo mais força para a idéia de *lutar.*

Sendo assim, lutar por um dia seria equivalente a ter uma certa persistência para trabalhar, superada pela persistência de *lutar por um ano*, *lutar por muitos anos* e por *lutar sempre,* como sugere o locutor. Essa gradualidade de que falamos é estabelecida no contexto lingüístico, tendo em vista a relação entre os segmentos, como veremos mais adiante.

Os homens parecem ser divididos em dois grupos: o dos homens considerados não imprescindíveis e o dos considerados imprescindíveis. Do primeiro grupo fazem parte os homens que lutam por um dia, os que lutam por um ano e os que lutam por muitos anos, organizados de acordo com o critério da gradualidade, produzido internamente, na linguagem, pelo recurso da oração relativa. Tanto melhor é o homem quanto mais persistência tiver em sua luta. O segundo grupo é constituído pelos homens que lutam sempre, os imprescindíveis.

Nos três primeiros enunciados, temos a presença dos seguintes enunciadores:

E1 – *Existem homens que lutam por um dia, portanto são bons.*

E2 – *Existem homens que lutam por um ano, portanto são muito bons.*

E3 – *Existem homens que lutam por muitos anos, portanto são excelentes.*

Em relação a esses enunciadores, o locutor estabelece uma relação de concordância.

Na verdade ele organiza, através de seu discurso, um grande conjunto de homens, como já mencionamos, e a idéia de ser *bom* relaciona-se à persistência de cada um em sua luta.

AI (homens que lutam por um dia)
– *homens que trabalham um pouco por uma causa DC bons*

AI (homens que lutam por um ano)
– *homens que trabalham por uma causa DC muito bons*

AI (homens que lutam por muitos anos)
– *homens que trabalham muito por uma causa DC excelentes*

Dessa forma, percebemos que as noções *bons*, *muito bons* e *excelentes* apenas aumentam a força argumentativa de *homens que lutam*, não lhe acrescentando sentido. Aqui podemos entender melhor a idéia de gradualidade, contida na própria língua, não na exterioridade, mencionada no início da análise. Na relação entre os segmentos, entendemos que quanto mais persistência o homem tem para lutar, mais qualidade possui na visão do locutor.

Já os homens que lutam por toda a vida são imprescindíveis, conforme podemos ver na análise do último enunciado: "Porém, há homens que lutam sempre: esses são imprescindíveis". Este nos remete a outros dois enunciadores, especialmente pelas marcas lingüísticas: *porém* e *esses*. O uso do *porém* contrapõe esses homens aos que ele citou antes, e a utilização do pronome *esses* reforça essa idéia, ou seja, esses são imprescindíveis, os outros não.

E4 – *Existem homens que lutam sempre, portanto são imprescindíveis.*
– *Homens que trabalham sempre por uma causa DC imprescindíveis*

E5 – *Existem homens que não lutam sempre, portanto não são imprescindíveis.*
– *Homens que não trabalham sempre por uma causa DC neg-imprescindíveis*

Podemos entender melhor essa relação entre aspectos recíprocos do mesmo bloco semântico, através da articulação entre os enunciados:

Homens que não trabalham sempre por uma causa DC neg-imprescindíveis *MAS* homens que trabalham sempre por uma causa DC imprescindíveis

A partir dessa formalização podemos perceber de forma mais clara que o *porém* articula dois encadeamentos e mostra a posição do locutor. Ele reconhece o aspecto normativo do bloco "há homens que não são imprescindíveis, pois não lutam sempre", mas assume o aspecto recíproco do mesmo bloco, o que corresponde a "há homens que são imprescindíveis, pois lutam sempre". É a partir do articulador que podemos compreender a posição do locutor: ele indica que o seu ponto de vista vem após o *porém.*

Nesse caso, *porém* pode ser entendido, de acordo com a definição de Vogt (1989), como um articulador

que introduz uma restrição (mas PA), uma proposição que orienta para uma conclusão oposta à qual a primeira proposição poderia indicar. O locutor reconhece o que foi afirmado antes, mas assume o ponto de vista apresentado depois do articulador.

5.3 *Análise das questões propostas*

O texto analisado foi retirado de um livro destinado à oitava série. Os autores limitam o trabalho de reflexão sobre o mesmo a quatro questões que abordam principalmente seus aspectos temáticos.

A primeira questão proposta analisa o conteúdo do texto, fazendo com que o aluno busque perceber os grupos de pessoas que nele aparecem e, dentre eles, o mais importante. Há uma preocupação com o entendimento por parte do aluno, porém o trabalho não aborda a construção dessa relação em termos lingüísticos, enfocando o papel desempenhado pelo articulador *porém,* pelo pronome *esses*, esclarecido pela análise polifônica, ou ainda o papel da oração relativa no discurso – reflexões importantes a serem feitas quando se pensa no ensino da linguagem.

A segunda questão, dividida em letra a e b, parece sugerir, no próprio enunciado, uma possível resposta para a primeira parte. A idéia implícita ao "normalmente" aponta para o fato de que outras concepções são possíveis como no caso do discurso em questão. Além disso, a resposta aparece claramente no enunciado da última questão. A segunda parte (letra b) tenta aproximar da discussão um conteúdo gramatical, o que é realizado de forma descontextualizada, sem um efetivo auxílio para a compreensão do sentido global do texto ou até mesmo de aspectos pontuais.

A terceira proposta de atividade apela para a visão de mundo do leitor, para os aspectos que se relacionam a sua opinião pessoal e que vão além da interpretação do texto e do entendimento de sua construção lingüística, trabalho que também deve ser considerado no ensino.

A última questão solicita ao aluno a produção de um parágrafo argumentativo, mas impõe a tese que o aluno deve sustentar e não esclarece os objetivos da escrita, nem quem seriam os possíveis leitores do texto. Além disso, seu enunciado mostra o sentido do texto para o aluno, não lhe deixando espaço para construí-lo por conta própria.

De maneira geral, percebemos que não há nessa proposta uma abordagem que conduza o aluno a perceber como a linguagem constrói sentidos. A aula, nessa visão, não se constitui como espaço de reflexão sobre a língua em uso, mas de discussão de temas a partir da leitura do texto. O texto, além disso, é pretexto para o ensino de um aspecto da gramática, não explorado em termos de sentido.

Considerações finais

Apresentamos, por meio deste trabalho, um estudo que se constitui como um primeiro passo na descrição da argumentação no discurso, unindo Polifonia e Teoria dos Blocos Semânticos. Essa vinculação de conceitos colabora significativamente com a compreensão do sentido, por analisar o discurso a partir da pluralidade de vozes que nele se apresentam e por realizar a construção dos encadeamentos e de bloco semântico com base nos enunciadores (pontos de vista) levantados.

Percebemos que a TAL pode constituir-se como uma ferramenta para pensarmos a linguagem. Nesse sentido, o trabalho confirma a viabilidade e a necessidade de uma transposição didática da teoria, tendo em vista sua aplicação ao ensino, "preenchendo", talvez, um espaço importante e ainda muito pouco explorado: a reflexão sobre a linguagem em uso, indicada pelos PCNs.

Acreditamos que a teoria pode auxiliar no processo de aprendizagem da leitura também por sugerir um limite entre as leituras permitidas e as não permitidas por cada discurso, com base no seu material lingüístico. Esse é um importante acréscimo que ela dá ao ensino de língua de modo geral.

Por fim, acrescentamos que a temática merece ser repensada e aprofundada por meio de outras investigações. Apresentamos aqui apenas uma entre tantas possibilidades de reflexão acerca da linguagem e seu funcionamento, tendo em vista sua riqueza e complexidade.

Referências

BARBISAN, Leci Borges. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. In: *Revista de Letras do PPGL da UFSM,* 2006.

_____. Por uma abordagem argumentativa da linguagem. In: GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene. *Investigando a linguagem em uso.* São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

CAREL, Marion. L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier. *Letras de Hoje*, v. 32, n. 1, p. 23 -40, mar. 1997.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa:* una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Tradução: María Marta Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto.* São Paulo: Contexto, 2006.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. *Parâmetros Curriculares Nacionais.* Brasília, 1997.

VOGT, Carlos. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: *Linguagem, pragmática e ideologia.* São Paulo: Hucitec, 1989.